

12-08-2024

Quem inventou o “amor platônico”?

Annibal Coelho de Amorim

[Médico de Saúde Pública. Pesquisador IdeiaSUS]

Já tentei pesquisar aqui e ali quem inventou a expressão “amor platônico” e cheguei à conclusão que foi alguém que morreu de amor na Caverna de Platão, pois mesmo tendo sido avisado que amor é amor - os recifenses diriam que oxe é oxe, oxe! - e, agora descobrem que o amor verdadeiro é aquele que dói, que a gente sente no calor quente do verão ou no frio do inverno. Amor gostoso é amar gostoso, no café da manhã, no almoço, jantar e até mesmo em pesadelo que vivenciamos. Entre uma taça de vinho e um *Aperol Spritz*. Todos os que me conhecem, e os que não, sabem que estou sentindo esse jeito gostoso de viver, que nada tem de platônico, o amor que a realidade me apresentou quando reencontrei uma pessoa que não via há muito, mas muito tempo atrás! Se foi Platão que inventou a caverna eu não sei, mas até ele mesmo diria que essa expressão é de algum abestado, de alguém que nunca amou e confundindo a si mesmo resolveu enganar o mundo com essa baboseira. Eu, amando adoidado, não me deixo levar por bobagens desse tipo. Quando se ama a gente sabe. Sentem-se ondas que percorrem o corpo diante da pessoa amada. Não se confunde, tampouco dá ouvidos aos que foram “acorrentados” por um “tabacudo” qualquer. De uma coisa eu tenho certeza: deixo a caverna de lado e vivo cada segundo como se fosse o último, deixar a caverna escura foi a melhor decisão da minha vida! Resolvi dar uma pesquisada e ver o que significa “amor platônico”. O termo “*amor platonicus*” foi, pela primeira vez, utilizado no século XV pelo filósofo neoplatônico florentino, Marsilio Ficino, como um sinônimo de “*amor socrático*”. Ambas as expressões significam um amor centrado na beleza do caráter e na inteligência de uma pessoa, em detrimento dos atributos físicos. Desta forma, amor platônico é aquele que nos impulsiona a ir além do sensível, a elevar a alma em busca da verdade – por isso que, para Platão, o filósofo é um ser apaixonado. Platão fala em “*amor ao belo*” e não se refere apenas ao amor entre duas pessoas, como o termo está associado hoje. Platônico era o amor pelo país, pela justiça, pelos ideais éticos.

As palavras *Eros*, *Philia* e *Agape* ajudam a compreender melhor os tipos de amor a que Platão e outros filósofos se referiam. Busquemos maior compreensão sobre o que os gregos tipificavam. Saindo da individualidade e/ou do sentido coletivo, reflito em que medida momentos da vida, como abraçar uma causa; um propósito; um sentido, levam-nos a um grau de essência da qual não podemos nos afastar. Isso, se me permite, caminha em direção àquilo que nos toca e nos move à essencialidade do amor - nos exemplos acima - uma forma de se manifestar ética e politicamente, em uma sociedade individual e materialista. Imprimir sentido e movimento em direção ao Outro nem sempre é uma situação dada, porque estamos diante de territórios existenciais a serem vivenciados, onde cada segundo conta, sendo interpretados e (re)significados de ambos os lados. Os territórios existenciais entram em contato e estabelecem pontes, trajetórias, rumos que devem ser livres de ideias (pré) concebidas. E que ao mesmo tempo nos permitam aproximações e mudanças de rumos internos em cada troca estabelecida. Afinal de contas somos seres com dimensões multissensoriais, plenos de potências criadoras. Cada um de nós, em nossas “grandezas e limitações”, aprendemos um dia sim e o outro também. Somos sujeitos históricos e sociais, corpos que se mexem na complexidade do Universo. No plano Universal, somos capturados por algo aparentemente invisível, mas que se incorpora como elementos essenciais que nos habitam. Eu vivo cada momento das trocas e não abro mão de nenhuma delas: eu me permito amar sem limites, vivo e transpiro esse amar de maneira incondicional. Nada exijo, porque isso seria trair o que permite que as trocas de verdade se estabeleçam entre dois seres. Afinal de contas, somos apenas seres humanos ou quicá grãos de areia e/ou poeira cósmica! Em meio a milhões de territórios existenciais, somos convidados à troca de olhares para mim definidos como janelas da alma que nos fazem amar verdadeiramente. Será que a ciência poderia criar “instrumentos” capazes de “medir o amor que sentimos”? Do lado de quem sente, afirmo que nem a inteligência artificial - por ser mero artifício - reúne esta multipotencialidade.

Concluo essa reflexão convocando Gilberto Gil, na canção *Lunik 9*, que em suas primeiras linhas anuncia:

*“poetas, seresteiros, namorados, correi;
é chegada a hora de cantar e escrever;
talvez as derradeiras noites de luar”.*

Annibal Coelho de Amorim (02/08/24)

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.